ecos
REVISTA CIENTÍFICA DA
FACULDADE CATÓLICA DO MARANHÃO

A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

THE IMPORTANCE OF SPIRITUAL ACCOMPANIMENT IN THE TEACHING OF POPE FRANCIS

Ayrton Frank Castro Pinheiro[1]

RESUMO: O presente artigo busca analisar a importância do Acompanhamento Espiritual nas Exortações Apostólicas Evangelii Gaudium, Gaudete et exsultate, e Christus Vivit. Seguiremos a ordem que elas foram publicadas e não pelos temas apresentados, assim como, o papel do Discernimento dentro desse processo de acompanhar e ser acompanhado. Partimos do pressuposto que esse tema é central no magistério do Papa Francisco, embora ainda pouco estudado, o que representa a escassez de artigos. Em primeiro lugar iremos reler alguns pontos principais onde o Pontífice apresenta de maneira direta sua visão sobre o acompanhamento, em segundo momento examinaremos o papel do discernimento como fator central no processo do acompanhamento. Existem muitas pesquisas sobre o magistério do Papa Francisco relacionados a outros temas que possuem mais destaque tais como: "Igreja em saída missionária", misericórdia ou sinodalidade. Mas ainda carecemos de material suficiente sobre o tema do acompanhamento espiritual no magistério pontifício, tema este trabalhado pelo Pontífice na maioria dos seus documentos.

Palavras-chave: Acompanhamento Espiritual; Discernimento; Magistério.

ABSTRACT: A This article seeks to analyze the importance of Spiritual Accompaniment in the Apostolic Exhortations Evangelii Gaudium, Gaudete et exsultate, and Christus Vivit. We will follow the order in which they were published and not by the themes presented, as well as the role of Discernment within this process of accompanying and being accompanied. We start from the assumption that this theme is central to Pope Francis' magisterium, although it is still little studied, which is why there are so few articles on it. Firstly, we will re-read some of the main points where the pontiff presents his vision of accompaniment in a direct way, and secondly, we will examine the role of discernment as a central factor in the process of accompaniment. There is a lot of research on Pope Francis' magisterium in relation to other more prominent themes such as the "Church going forth on mission", mercy and synodality. However, we still lack sufficient material on the theme of spiritual accompaniment in the papal magisterium, a theme which the pontiff deals with in most of his documents.

Keywords: Spiritual accompaniment; Discernment; Magisterium.

1 Graduado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Católica do Maranhão.

1 INTRODUÇÃO

Como primeiro Pontífice jesuíta e herdeiro da espiritualidade inaciana, o Papa Francisco tem ocupado o seu Magistério com ensinamentos riquíssimos sobre a Orientação e Discernimento Espiritual. Aliás, o Papa prefere o termo "Acompanhamento", como expressou recentemente no encontro com sacerdotes e seminaristas que estudam em Roma, no dia 24 de outubro de 2022.

Partimos do pressuposto de que esse tema é central no Magistério do Papa Francisco, embora ainda pouco estudado, o que representa a escassez de artigos. No entanto, esse verbete "Acompanhamento", aparece em quase todos os documentos, desde a *Evangelii Gaudium* de 2014 e se repetindo em outros documentos, até o ciclo de catequeses proferidas nas audiências gerais das quartas-feiras sobre o Discernimento Espiritual, em 2022.

Assim, o presente artigo busca analisar a importância do Acompanhamento na Exortações Apostólicas *Gaudete et exsultate, Evangelii Gaudium* e *Christus Vivit*. Seguiremos a ordem em que elas foram publicadas e não pelos temas apresentados, assim como, o papel do Discernimento dentro desse processo de acompanhar e ser acompanhado. Em primeiro lugar, iremos reler alguns pontos principais onde o Pontífice apresenta de maneira direta sua visão sobre o acompanhamento. Em segundo momento, examinaremos o papel do discernimento como fator central no processo do acompanhamento. Existem muitas pesquisas sobre o Magistério do Papa Francisco relacionados a outros temas que possuem mais destaque, tais como: "Igreja em saída" missionária, misericórdia ou sinodalidade. Mas ainda carecemos de material suficiente sobre o tema do Acompanhamento Espiritual no Magistério pontifício, tema este trabalhado pelo Pontífice na maioria dos seus documentos. Portanto, essa pesquisa se coloca como ponto de partida inicial para projetos de pesquisa futuros.

2. A ALEGRIA DO EVANGELHO: A arte de acompanhar

Vamos seguir aqui o conceito "Acompanhamento" conforme está descrito nesse documento e não entraremos na discussão terminológica entre os termos "Direção" ou "Orientação"[1]. Para o Papa Francisco, é fundamental acompanhar as pessoas em seus processos de crescimento. Em sua Exortação Apostólica pós-sinodal *Evangelii Gaudium*, carta programática do seu ministério petrino, ele

1 Para Ulpiano Vazquez o termo orientação é a capacidade de voltar-se para o oriente afim de se situar no espaço e no tempo. "Etimologicamente é encontrar o caminho, a direção, os pontos de referência que permite que a gente se oriente" (Vazquez, 1994, p. 56). Ademais, "O termo direção espiritual é um dos mais grandiloquentes que o ministério na Igreja herdou do passado (...) mas sugere inevitavelmente as pessoas de nossa cultura ocidental contemporânea um espiritualismo e um autoritarismo que uma teologia e uma psicologia sadias tem que repudiar" (Barry, 1990, p. 24).

destaca que a comunidade evangelizadora é toda ela responsável em tomar a iniciativa, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar: "Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a 'suportação' apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações" (Francisco, 2014, n. 24).

Lembramos que o referido documento é sobre a evangelização no mundo atual, e particularmente é tratado o tema no capítulo III, parágrafos 169 a 173, onde o Pontífice aponta a necessidade de pessoas capazes de ouvir e conduzir as pessoas para Deus. Conforme o documento:

> A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta 'arte do acompanhamento', para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3,5). Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã (Francisco, 2014, n. 169).

Neste parágrafo, o Papa Francisco nos apresenta não somente a necessidade de formar àqueles que irão prestar esse serviço, como o seu perfil. O acompanhante é presença de Jesus porque sabe imitar os gestos e as palavras do Divino Mestre que sempre ofereceu um olhar solidário, deixando-se comover e parar para estar com o outro e animando-os a progredir na vida. Segundo o Pontífice, esse acompanhamento deve conduzir cada vez mais a pessoa para Deus. Não é uma espécie de terapia, uma resposta às demandas do sujeito que ficam presos a auto-observação e tendem a referir-se a si mesmas: "O acompanhamento seria contraproducente, caso se tornasse uma espécie de terapia que incentive esta reclusão das pessoas na sua imanência e deixe de ser uma peregrinação com Cristo para o Pai" (Francisco, 2014, n. 170).

Depois de falar da importância da escuta, da abertura para ação do Espírito e do modo de proceder pacientemente na experiência do acompanhamento reconhecendo a situação da pessoa humana diante de Deus, o Papa acentua que a finalidade do processo é a maturidade cristã, ou seja, "para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis" (Francisco, 2014, n. 171) e se sintam engajadas na sociedade. Não é um processo para fazer crescer o narcisismo ou o individualismo, mas um serviço de e para a comunhão. "Nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos 'a carregar as cargas uns dos outros' (Gl 6,2)" (Francisco, 2014, n. 67). O Papa argentino ainda fundamenta todo o discurso sob a autoridade bíblica, citando vários exemplos de acompanhantes e seus acompanhados como é o caso de Paulo, Timóteo e Tito:

> O acompanhamento espiritual autêntico começa sempre e prossegue no

> âmbito do serviço à missão evangelizadora. A relação de Paulo com Timóteo e Tito é exemplo deste acompanhamento e desta formação durante a ação apostólica. Ao mesmo tempo que lhes confia a missão de permanecer numa cidade concreta para 'acabar de organizar o que ainda falta' (Tt 1, 5; cf. 1 Tm 1, 3-5), dá-lhes os critérios para a vida pessoal e a atividade pastoral. Isto é claramente distinto de todo o tipo de acompanhamento intimista, de autorrealização isolada. Os discípulos missionários acompanham discípulos missionários (Francisco, 2014, n. 173).

3. GAUDETE ET EXSULTATE: Acompanhamento e discernimento

Anteriormente vimos o perfil e a finalidade do Acompanhamento Espiritual, enquanto na Exortação Apostólica "Alegrai-vos e exultai" (*Gaudete et exsultate*) temos uma descrição metodológica do processo centrada na questão do discernimento espiritual. Essa Exortação foi publicada em 2018 e trata do chamado à santidade, vocação de todo cristão. Composta por cinco capítulos e 177 parágrafos, não quer ser "um tratado sobre a santidade, com muitas definições e distinções", mas uma maneira de "fazer ressoar mais uma vez o chamado à santidade", indicando "os seus riscos, desafios e oportunidades" (Francisco, 2018, n. 2). O Sumo Pontífice, ao longo do capítulo V, descreve a necessidade imperiosa do acompanhamento com a finalidade de discernir para melhor escolher. "Sem a sapiência do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em marionetes à mercê das tendências da ocasião" (Francisco, 2018, n. 167).

Ele afirma:

> Somos livres, com a liberdade de Jesus, mas Ele chama-nos a examinar o que há dentro de nós – desejos, angústias, temores, expetativas – e o que acontece fora de nós – os 'sinais dos tempos' –, para reconhecer os caminhos da liberdade plena: 'examinai tudo, guardai o que é bom' (1 Ts 5, 21) (Francisco, 2018, n. 168).

Ao longo do processo de Acompanhamento, esses temas trazidos à luz na oração e partilhado com *outrem*, podem ser facilmente trabalhados e integrados. O que está em jogo é o crescimento pessoal. Se perguntarmos às pessoas o que elas entendem sobre o discernimento, teremos uma variedade de significados bem diferentes um do outro. Para o Papa Francisco, essa prática não se refere a competências sofisticadas da psicologia, mas se refere a uma experiência fundamental como ele bem destaca:

> O discernimento não é necessário apenas em momentos extraordinários, quando temos de resolver problemas graves ou quando se deve tomar uma decisão crucial; mas é um instrumento de luta, para seguir melhor o Senhor. É nos sempre útil, para sermos capazes de reconhecer os tempos de Deus e a sua graça, para não desperdiçarmos as inspirações do Senhor, para não ignorarmos o seu convite a crescer. Frequentemente isto decide-se nas coisas pequenas, no que parece irrelevante, porque a magnanimidade mostra-se nas coisas simples e diárias (Francisco, 2018, n. 169).

Podemos recorrer ao discernimento pastoral, pessoal e profissional. Mas o discernimento espiritual, fruto da relação com Deus que se constrói na oração, é fundamento de toda existência humana, sobretudo nas pequenas ações diárias. Eis a importância que o Papa Francisco dá ao acompanhamento: a pessoa humana agitada por seus desejos conflitantes precisa tomar decisões e se tal conflito demora muito tempo, o sujeito gera em si uma angústia que beira ao adoecimento psíquico. E a melhor forma de superar o conflito é na oração. Por isso, exorta o Papa:

> É verdade que o discernimento espiritual não exclui as contribuições de sabedorias humanas, existenciais, psicológicas, sociológicas ou morais; mas transcende-as. Não bastam sequer as normas sábias da Igreja. Lembremo-nos sempre de que o discernimento é uma graça. Embora inclua a razão e a prudência, supera-as, porque trata-se de entrever o mistério daquele projeto, único e irrepetível, que Deus tem para cada um e que se realiza no meio dos mais variados contextos e limites. Não está em jogo apenas um bem-estar temporal, nem a satisfação de realizar algo de útil, nem mesmo o desejo de ter a consciência tranquila. Está em jogo o sentido da minha vida diante do Pai que me conhece e ama, aquele sentido verdadeiro para o qual posso orientar a minha existência e que ninguém conhece melhor do que Ele. Em suma, o discernimento leva à própria fonte da vida que não morre, isto é, conhecer o Pai, o único Deus verdadeiro, e a quem Ele enviou, Jesus Cristo (cf. Jo 17,3). Não requer capacidades especiais nem está reservado aos mais inteligentes e instruídos; o Pai compraz-Se em manifestar-Se aos humildes. (cf. Mt 11,25) (Francisco, 2018, n. 170).

O sacerdote e psicólogo Amedeo Cencini, comentando esta Exortação, afirma que a visão do Sumo Pontífice sobre o discernimento é um duplo ato de fé, conforme a citação acima, mesmo que essa relação de acompanhante e acompanhado com a finalidade de discernir prescinda dos métodos racionais seja das demais ciências, seja da teologia, não se pode excluir o elemento transcendental: Deus que nos ultrapassa sempre. "O Espírito age na história e se faz ouvir no coração de cada um [...] a essa luz, o discernimento representa uma autêntica prática de fé que não pode ser reduzida a *'decision making'* (tomada de decisão)" (Cencini, 2022, p. 9).

Depois de validar a prática do discernimento dentro do âmbito da oração, pois não existe Acompanhamento Espiritual sem esse relacionamento com o Senhor que nos ama e vem ao nosso encontro, ou seja, nos fala de diversas formas, o Papa Francisco fala do silêncio da oração prolongada que recompõe o conjunto da própria vida à luz de Deus. Nos números 172 e 173, fala das resistências que vamos adquirindo ao aprofundar esta relação de amizade que se dá na oração. Aqui entra em cena a tarefa da escuta e da obediência que implica renúncias, maior disponibilidade, liberdade e quebra de nossa rigidez que não sabe dialogar e construir novos sentidos, como afirma o Papa:

> Somente quem está disposto a escutar é que tem a liberdade de renunciar ao seu ponto de vista parcial e insuficiente, aos seus hábitos, aos seus esquemas. Desta forma, está realmente disponível para acolher uma chamada que quebra as suas seguranças, mas leva-o a uma vida melhor, porque não é suficiente que tudo corra bem, que tudo esteja tranquilo. Pode acontecer que Deus nos esteja a oferecer algo mais e, na nossa cómoda distração, não o reconheçamos (Francisco, 2018, n. 172).

Muitas pessoas que procuram o Acompanhamento Espiritual, desde os jovens seminaristas ou vocacionados(as) à vida religiosa até leigos(as), demandam de tal serviço eclesial diversos objetivos, desde se aprofundar na vida de oração, ou resolver crises de fé ou mesmo solucionar problemas psicológicos. Como destaca Vasquez: "A ocasião e os motivos que podem dar início ao processo de orientação espiritual podem ser tão variados e diferentes quanto as situações vividas e as características pessoais de quem procura" (2006, p. 25). Entretanto, para o Papa Francisco, o objetivo primordial é ajudar o ser humano a se abrir mais para Deus e para a vida, ou seja, viver melhor a missão que nos foi confiada no batismo:

> Faz-se discernimento, não para descobrir que mais proveito podemos tirar desta vida, mas para reconhecer como podemos cumprir melhor a missão que nos foi confiada no Batismo, e isto implica estar disposto a fazer renúncias até dar tudo. Com efeito, a felicidade é paradoxal, proporcionando-nos as melhores experiências quando aceitamos aquela lógica misteriosa que não é deste mundo (Francisco, 2018, n. 174).

O Papa termina sua exposição sobre o tema nesta Exortação falando da necessidade de nada ficar excluído no acompanhamento, pois Deus perscruta tudo, como lembra o salmista no salmo 139 (138) "o discernimento não é uma autoanálise, uma introspeção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou" (Francisco, 2018, n. 175).

4 CHRISTUS VIVIT: O Jovem, a fé e o discernimento vocacional

Analisaremos agora a Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit.* (Cristo Vive). O próprio Papa Francisco reconhece que muitos dos pontos analisados sobre o discernimento já foram tratados ao longo da Encíclica anterior: "Permiti-me retomar algumas daquelas reflexões, aplicando-as ao discernimento da vocação própria no mundo" (Francisco, 2019, n. 278). Essa Exortação é fruto do Sínodo dos Bispos de outubro de 2018. Neste documento, endereçado a todos os jovens e ao povo de Deus, o Papa recorda algumas convicções da fé e, ao mesmo tempo, "encoraja a crescer na santidade e no compromisso em prol

da própria vocação"[2] (Francisco, 2019, n. 3). Esses três elementos, como já vimos, estão associados à prática do Acompanhamento Espiritual: fé, santidade e compromisso.

O discernimento espiritual é colocado a serviço de descobrir o chamado de Deus na vida dos jovens, para isso é necessário o acompanhamento de uma pessoa madura. Neste ponto, o Pontífice não só cita o perfil do acompanhador, mas apresenta o parecer dos próprios jovens que foram escutados no processo sinodal, conforme cita:

> Estes guias deveriam possuir algumas qualidades: ser um cristão fiel comprometido na Igreja e no mundo; uma tensão contínua para a santidade; não julgar, mas cuidar; escutar ativamente as necessidades dos jovens; responder com gentileza; conhecer-se; saber reconhecer os seus limites; conhecer as alegrias e as tribulações da vida espiritual. Uma qualidade de primária grandeza é saber reconhecer-se humano e capaz de cometer erros: não perfeitos, mas pecadores perdoados (Francisco, 2019, n. 246).

Mesmo utilizando a palavra "guia", o Papa Francisco tem consciência de que o acompanhador não é um mandatário e o acompanhante um seguidor passivo e completa o perfil descrito no número 246 utilizando a imagem bíblica de Emaús (Lc 24): caminhar ao seu lado, deixando-os ser os protagonistas do seu próprio caminho. Tal tarefa, reitera o Papa, citando a *Evangelii Gaudium* "não deveria ser circunscrito aos presbíteros e aos religiosos, mas também o laicato deveria poder exercê-lo. Todos estes guias deveriam poder beneficiar duma boa formação permanente" (Francisco, 2019, n. 246). Ao falar de formação permanente, o Papa reconhece a carência de pessoas experientes e dedicadas e insiste nessa preparação que vai muito além de aprender técnicas, mas aprender antes de tudo a "escutar os apelos do Espírito" e se colocar à disposição de Deus e de seus acompanhados.

> Esta formação implica deixar-se transformar por Cristo e, ao mesmo tempo, uma prática habitual do bem, verificada no exame de consciência: um exercício no qual não se trata apenas de identificar os pecados, mas também de reconhecer a obra de Deus na própria experiência diária, nas vicissitudes da história e das culturas onde se está inserido, no testemunho de muitos outros homens e mulheres que nos precederam ou acompanham com a sua sabedoria. Tudo isto ajuda a crescer na virtude da prudência, articulando a orientação global da existência com as opções concretas, na consciência serena dos próprios dons e limites (Francisco, 2019, n. 282).

Nos próximos parágrafos do documento, o Papa Francisco fala da importância do silêncio (números 283 e 284) para aprender a escutar Deus que fala, conforme já vimos na Exortação *Gaudete et Exsultate.* Mais uma vez, a oração aparece como lugar fundamental no qual o sujeito deve se fazer as perguntas fundamentais da existência em diálogo com Deus.

2 Para o Papa Francisco, a vocação é entendida no sentido específico de chamada para o serviço missionário dos outros (Francisco, 2019, n. 253).

> Há várias perguntas que é preciso colocar-se. Não se deve começar por questionar onde se poderia ganhar mais dinheiro, onde se poderia obter mais fama e prestígio social, mas também não se deveria começar perguntando quais tarefas nos dariam mais prazer. Para não se enganar, é preciso mudar de perspectiva, perguntando: Conheço-me a mim mesmo, para além das aparências ou das minhas sensações? Sei o que alegra ou entristece o meu coração? Quais são os meus pontos fortes e as minhas fragilidades? E, logo a seguir, vêm outras perguntas: Como posso servir melhor e ser mais útil ao mundo e à Igreja? Qual é o meu lugar nesta terra? Que poderia eu oferecer à sociedade? E surgem imediatamente outras muito realistas: Tenho as capacidades necessárias para prestar este serviço? Em caso negativo, poderei adquiri-las e desenvolvê-las? (Francisco, 2019, n. 285).

Embora *Christus vivit* retoma e aprofunda no âmbito do discernimento vocacional, o que já foi tratado sobre acompanhamento nos documentos anteriores, existe um elemento fundamental que ainda não fora tratado anteriormente: a sensibilidade. No número 292, o Papa Francisco fala de três sensibilidades fundamentais no ministério de acompanhante. A primeira sensibilidade ou atenção é à pessoa. Escreve o Papa:

> Trata-se de escutar o outro, que se nos dá com as suas palavras. O sinal desta escuta é o tempo que dedico ao outro. Não é questão de quantidade, mas de que o outro sinta que o meu tempo é dele: todo o tempo que precisar para me manifestar o que quer. Deve sentir que o escuto incondicionalmente, sem me ofender, escandalizar, aborrecer nem cansar [...] Esta escuta atenta e desinteressada mostra o valor que tem para nós a outra pessoa, independentemente das suas ideias e opções de vida (Francisco, 2019, n. 292).

Não se pode acompanhar as pessoas em seus processos sem essa escuta respeitosa em que suspendo meus juízos morais. Assim o fez Jesus que pacientemente escutou os discípulos que estavam indo na direção contrária no episódio de Emaús, mas Jesus deu o tempo necessário para que eles pudessem aquecer o coração e discernir o caminho a ser trilhado.

A segunda sensibilidade ou atenção é no discernir. Para o Papa argentino, é importante descobrir o que é a graça e o que é tentação. "Com efeito, às vezes as coisas que cruzam a nossa imaginação não passam de tentações que nos afastam do nosso verdadeiro caminho. Aqui preciso de me interrogar: O que é que, exatamente, me está a dizer esta pessoa?" (Francisco, 2019, n. 293).

Já a terceira sensibilidade ou atenção consiste em escutar os impulsos. Do que se trata essa sensibilidade? o acompanhante deve ser capaz de uma escuta do que o outro experimenta. "Mais além do que sente e pensa no presente e do que fez no passado, a atenção orienta-se para o que quereria ser. Às vezes, isto requer que a pessoa não olhe tanto para o que gosta, os seus desejos superficiais, mas para o que mais agrada ao Senhor" (Francisco, 2019, n. 294). Para Cencini (2022), é fundamental a questão da sensibilidade, pois cada sensibilidade corresponde a um discernimento: "Não pode haver nenhum discernimento

que não toque a sensibilidade do indivíduo que não implique sua sensibilidade singular. É fundamental reconhecer e identificar aquela sensibilidade exata que deve gerir o discernimento" (Cencini, 2022, p. 24).

Para o Papa Francisco, o acompanhante é um servo humilde, como a Virgem Maria, ele mesmo para exercer tal ministério necessita fazer o processo de ser acompanhado, de ter dado passos na sua vida de oração e, por fim, discernido a sua experiência com Deus. "Para acompanhar os outros neste caminho, primeiro, precisas de ter o hábito de o percorreres tu próprio. Maria fê-lo, enfrentando as suas questões e as suas próprias dificuldades, quando era ainda muito jovem" (Francisco, 2019, n. 297). A experiência de sermos acompanhados é uma condição muito favorável para oferecer a outros irmãos um bom acompanhamento, no entanto Uriarte destaca que o acompanhamento deve durar a vida toda, sobretudo, para aqueles que estão desempenhando essa tarefa na comunidade: "Existe uma forma de acompanhar que consiste no seguimento do acompanhado e tem como conteúdo central o confronto e a contraposição. Reviver nossa condição de acompanhado nos faz além disso, melhores acompanhantes" (Uriarte, 2013, p. 99).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dissertar sobre a importância que o Acompanhamento Espiritual possui no Magistério pontifício do Papa Francisco não é tarefa simples. Este artigo tentou recolher alguns de seus pensamentos expressos em três Exortações Apostólicas pós-sinodais. O recorte poderia ser um pouco maior incluindo suas catequeses e diálogos com o clero. No entanto, como afirma o próprio Papa: "o tempo é superior ao espaço". O tempo demandado a essa breve pesquisa foi insuficiente para um maior enriquecimento do tema tratado.

Ao longo da análise dos referidos textos chegamos à conclusão do papel central do acompanhamento tão necessário seja na evangelização, no aprofundamento da vocação cristã à santidade ou na descoberta do caminho vocacional. Três pontos merecem destaque:

Primeiro, o acompanhamento como vimos, é um serviço fundamental do qual toda pessoa humana pode experimentar a "Alegria do Evangelho". Se em todas as etapas da história a humanidade se serviu desse instrumental para aprofundar o seu relacionamento com Deus, ainda mais nesse tempo e lugar em que vivemos, onde as pessoas se sentem cada vez mais desnorteadas, inseguras e precisam urgentemente de dar um sentido autêntico às suas buscas.

Outro ponto bastante destacado nos textos é o papel da formação e o perfil daqueles que se preparam para ser acompanhadores. Formação essa que

é integral, não apenas teórica. Uma formação que prime por uma experiência cristã firme e sólida.

Por fim, o discernimento como um instrumento de compromisso forte para seguir melhor o Senhor. Se faz urgente discernir "por que custa-nos reconhecer a verdade do nosso próprio desejo, reconhecer nossos equívocos, fracassos e pecados" (Uriarte, 2013 p. 96) logo, um confronto com outra pessoa, sensata, próxima respeitosa para nos acompanhar e nos ajudar a sermos protagonistas é um precioso instrumento.

REFERÊNCIAS

BARRY, William; CONNOLLY, William. **A prática da direção espiritual**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

CENCINI, Amadeo. **Os passos do discernimento.** São Paulo: Paulinas, 2022.

FRANCISCO, Papa. ***Christus vivit***: o jovem, a fé e o discernimento vocacional. São Paulo: Edições Paulinas, 2019.

FRANCISCO, Papa. ***Evangelii Gaudium:*** Alegria do Evangelho. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRANCISCO, Papa. ***Gaudete et Exsultate.*** Alegrai-vos e exultai: Sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Edições CNBB, 2018.

MORO, Ulpiano Vazquez. A nova imagem do orientador espiritual e sua função. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana**, n. 65, p. 23-40, set. 2006.

MORO, Ulpiano Vazquez. **Pequenos avisos sobre orientação espiritual**. Itaici (São Paulo), São Paulo, v. 18, p. 55-59, 1994.

URIARTE, Juan Maria. **A missão do presbítero:** servir como pastor, chaves da espiritualidade sacerdotal. Petrópolis: Vozes, 2013.

Recebido em: 04/12/2024
Aprovado em: 12/12/2024